

Ilustração do demônio Andras por Louis Le Breton, gravada por M. Jarrault (*Dictionnaire Infernal*, 1863). Arte de domínio público. Composição visual remixada.

DOI: 10.53981/destrocos.v6i1.56533
INTERVENÇÕES

30 ANOS DE AGAMBEN (...)
HOMO SACER DAS RUAS AO MUSEU

Elizabeth Medeiros Pacheco
Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil

Resumo
Através da narrativa de uma experiência fortíssima vivida em três diferentes regimes: uma circunstância produzida num encontro de rua; uma experiência de visitação a uma instalação artística; uma memória de forte impacto com um documentário assistido há uma década, este texto procura trazer para o plano implicado da experiência da vida quotidiana a dimensão estética e ético-política de um conceito, o de *Homo Sacer*, com o qual Agamben dispõe o sentido de violência que assola nosso contemporâneo, fazendo do Estado de Exceção a norma da governabilidade.

Palavras-chave
Acontecimento, arte, vida, violência.

30 YEARS OF AGAMBEN (...) *HOMO SACER* FROM THE STREETS TO THE MUSEUM

Abstract
Through the narrative of a very powerful experience lived in three different regimes: a circumstance produced in a street encounter; an experience of visiting an artistic installation; a memory of strong impact with a documentary watched a decade ago, this text seeks to bring to the implicate plane of the experience of everyday life the aesthetic and ethical-political dimension of a concept, that *of Homo Sacer*, with which Agamben provides the meaning of violence that plagues our contemporary world, making the State of Exception the norm of governability.

Keywords
Event, art, life, violence.

Como citar: PACHECO, Elizabeth Medeiros. 30 anos de Agamben (...) Homo Sacer das ruas ao museu. *(des)troços: revista de pensamento radical*, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. e56533, jan./jul. 2025.

Este trabalho está licenciado sob uma licença *Creative Commons Attribution 4.0*.

"Ninguém nasce pessoa, alguns podem se tornar, mas somente na condição de forçar outros à condição de coisa". (Roberto Esposito)

Paris, setembro de 2009

Chegar a uma cidade com a necessidade de constituir território por 12 meses de moradia em espaço estudantil para escrever tese com prazo institucional bem-marcado, elimina a expectativa ilusória de qualquer turismo. Além do valor da bolsa exigir um domínio da diferença entre custos e gastos, nada ilusório.

O entusiasmo era grande e as condições de instalação correspondiam às necessidades da rotina pessoal: banho, dormitório e mesa de trabalho com *wi-fi*. Ótimo. Prédio construído por arquitetos brasileiros, a *Maison du Brésil* estava muito bem situada neste conglomerado de casas/moradia estudantil de 26 países, chamada de *Cité Universitaire* com uma edificação central, de dois pavimentos, onde funcionavam, além de um restaurante para almoço e jantar a preços baixíssimos, e uma lanchonete para qualquer mini refeição da manhã até a noite, havia também uma excelente biblioteca com mais de vinte mesas individuais com luminária e tomadas. Um espaço perfeito para reservar, às vezes, um bloco de horas. Este prédio central também oferecia um teatro com palco bem grande e 100 lugares para plateia, além de algumas Maisons possuirem auditório com palco e tela de cinema como, por exemplo, a *Maison du Brésil* que recebera da família de Joaquim Pedro de Andrade todo o seu arquivo de filmes brasileiros (por volta de 2000).

Já acostumada com boa parte da invenção de um cotidiano possível para estes tempos de escrita e sua inevitável exigência de plena imersão, fui preferindo alguns lugares, já vividos como meu canto de sossego. Passar as tardes nos jardins já era uma espécie de hábito e comprar Marzipan ou amêndoas secas nas lojas *Bio* (assim se chama por lá tudo o que é natural ou vegano).

Algumas semanas haviam se passado desde a minha instalação, com uma temperatura de outono deliciosa, fresca mas ainda nada inóspito, para corpinhos acostumados ao eixo da ponte aérea Rio-SP. Outono e primavera na Europa é mesmo uma graça, pelas cores das folhagens e também pelos passeios que se pode viver com uma luz e um céu convidando à caminhada. Diante desta luz, deste clima, quem escolhe andar subterrâneo? A graça está em viver as ruas e o frescor das tardes, andando pelas calçadas e a beira-rio que acompanha o Sena com toda a vida que uma cidade aberta oferece.

Mas saímos, neste dia, de manhã bem cedo para conhecer o *marché aux pouces*.

Além da curiosidade de uma feira tão especial, com toda sorte de mercadorias, com valores desde 1 euro até milhares de euros se fôssemos atraídos por tapetes, mobílias e sapatos de *Chanel e* outros astros. Mas essa escala de preços estava bem demarcada por regimes diversos desse comércio entre lojas de rua, ou barracas ou montinhos acumulados de mercadorias no chão. As calçadas ocupadas por montes diversos entre roupas, objetos domésticos, livros, malas e mochilas, mantas e gorros pra inverno.

Fiquei muito afetada por essas calçadas e, sem perceber, comecei a viciar meus gestos em uma espécie de operação galinácea de "ciscar". Em pouco tempo eu conseguia ciscar montes de lenços e saias e blusas e mantas e posso assegurar que fui ficando completamente sob influência. Perdi o controle. Minhas amigas já estavam perdidas pelo mesmo motivo; até que uma situação inimaginável irrompe do chão atingindo o âmago de

minhas medulas _ arrepio _ horror _ pinço uma *écharpe* e sobe junto uma cabeça de mulher, de cabelos pretos e olhar assustado / me sento no chão aos prantos / vejo ainda duas outras cabecinhas subindo pelo monte de vestes e mantas que aquele senhor moreno vendia. Era a família dele. A mulher e duas crianças vinham junto com ele tarde da noite, e dormiam ali, nas montanhas de panos que vendiam pela manhã e tarde do dia seguinte; e, se fizesse frio, continuavam ali embaixo.

Perplexa, eu chorava prantos de aflição e vergonha. Eram romenos, um dos imigrantes mais marginalizados e hostilizados pela polida indiferença da política social de tolerância urbana praticada pela sociabilidade compulsória.

Aqui me encontro com a situação plena trazida por Agamben com a qual ele constitui um novo campo problemático com a escrita de uma série de quatro livros para dar conta de um analisador fortíssimo presente neste nosso contemporâneo: a noção de *Homo Sacer*. Mais que uma noção, um conceito, mais que um conceito, um dispositivo, tal como Agamben acentua o critério de análise de Foucault sobre a positividade do poder, mais além de sua negatividade proibitiva. Um dispositivo situa-se entre o dito e o não dito, sempre inscrito numa relação de poder e com uma função estratégica concreta.

A experiência prosseguia. Enquanto eu me mantinha afetada pela violência cometida e chorava, esta mulher da família romena me dizia gentil *"pas de problème, pas catastrophique"*. Constrangimento. O casal romeno decide me dar a *écharpe* de presente, eu penso em não aceitar, mas acho grosseiro e aceito. Levanto do chão e caminho perplexa com a cena que deu ao livro e ao conceito de Agamben uma verdade de acontecimento.

A partir desta tarde, marcada pelos signos do duplo vínculo, olhar a cidade me impõe outra postura: sem ingenuidade, sem deslumbramento. Posso encontrar sem grandes distâncias, um colchão de casal numa esquina, que abriga uma família, provavelmente de romenos, que são tão maltratados em Paris como os turcos o são, em Berlim; mas na outra esquina me deparo com um banheiro público, grátis, espaçoso, onde tenho como durar alguns minutos entre práticas de higiene pessoal desde o banho até escovar os dentes ou usar o vaso, sem problemas, até que tudo seja novamente lavado e outro uso possa ser feito. Genial. Mas não se engane, não é fácil ser pobre em nenhuma grande cidade.

As linhas de metrô com suas saídas em bairros os mais díspares também permitem um entendimento dos vários modos de vida e de cidadania nesta, assim chamada, 1ª metrópole. Por exemplo em *Chateau Rouge*, com a presença altiva dos afros europeus, temos uma outra experiência de atuação da polícia francesa, que se mostra neste *arrondissement* mais acuada e respeitosa perante a marcante presença dos negros, num bairro que habitam, trazendo para as ruas suas práticas de arte e comércio, além de uma feira de alimentos fartíssima, com tâmaras frescas da Tunísia e outras iguarias cultivadas em África.

Mas como entender a relação ao conceito de *"homo sacer"*. Agamben assim denomina aquele que tanto é considerado sagrado, quanto não haverá de recair sobre ele nenhum direito de cidadania.

Assim como as impressões digitais, o som dos batimentos cardíacos é único para cada pessoa. O que tem a ver isto com o impacto vivido? Como extrair disso algum valor ético que possa ser compartilhado. Como tornar este episódio constrangedor num evento, num dispositivo tal que possa ativar a potência de agir e de pensar de outras pessoas. Será essa afinal a potência das imagens e a magia da escrita, arte capaz de fazer da merda um adubo para tempos severos e sombrios.

Foi então que surgiu o acaso feliz. Trata-se de um evento no Grand Palais e de um convite do *Collectif du Jeune Cinéma*, através de uns amigos que faziam parte deste coletivo e organizavam a publicação do próximo número da revista *Étoillement*s, onde eu já havia publicado um pequeno texto comentando uma cena do filme *Besieged* de Bertolucci, com o motivo-título *"Le corps-à-corps de la joie"*. A revista era bimensal e cada número tinha um eixo temático, sendo o próximo, número 11, dedicado *à nullité*. A magia foi ter sido novamente convidada para escrever neste tema, logo após esse episódio fortíssimo vivido nesta manhã de passeio na glamourosa cidade francesa; me senti contemplada ao ser convocada a me expressar sobre um assunto vivido e recorri à memória do testemunho de Estamira no excelente documentário que veio a público em 2006.

Assim nomeei o pequeno texto: NUL LE PART *OUT,* evocando na frase *nulle part partout* a deriva poética de uma parte nula, anulada, posta fora, e para tal usando a língua estrangeira dentro da língua estrangeira ao perverter a palavra *partout* em part *out*. Em toda parte, e em parte alguma_ *Nullité,* uma figura jurídica que anula a posição de um contrato, que garante não valer ser alguém, e garante alguém como ninguém, o que Estamira viveu e testemunha em um trabalho precioso de Marcus Prado, com uma série de entrevistas gravadas entre 2000 e 2004, durante encontros feitos tanto no seu trabalho no lixão de Gramacho, como em sua casa, onde também foram entrevistados seus filho e filhas. Esta mulher viveu e fez o testemunho implicado de uma política de anulação social e psiquiátrica.

A trama dos acontecimentos tomava corpo, constituindo o campo problemático da questão prioritária para Agamben desde 2002, quando em seu livro *Estado de Exceção* vem mostrar "essa terra de ninguém, entre o direito público e o fato político e entre a ordem jurídica e a vida" se tornando estratégia de governo:

> Diante do incessante avanço do que foi definido como uma "guerra civil mundial", o estado de exceção tende cada vez mais a se apresentar como o paradigma de governo dominante na política contemporânea. Esse deslocamento de uma medida provisória e excepcional para uma técnica de governo ameaça transformar radicalmente — e, de faro, já transformou de modo muito perceptível — a estrutura e o sentido da distinção tradicional entre os diversos tipos de constituição. O estado de exceção apresenta-se, nessa perspectiva, como um patamar de indeterminação entre democracia e absolutismo.[1]

A instalação *PERSONNE* de Christian Boltansky permaneceu no Grand Palais por 50 dias *entre* 3 de janeiro a 21 de fevereiro de 2010. Ali podíamos muito mais que visitar, mas viver o impacto de uma instalação, ou dizendo de outra maneira, uma imersão. Você entra em Co movência com tudo. Há uma instalação de um mundo de todo um regime de signos que apresenta em cena o páthos do acontecimento. Nesta situação imagem som luz ritmos e também você são elemento cênico. Tudo está incluído na cena.

Podemos acessar neste curto vídeo a apresentação dessa instalação comentada pelo próprio artista Christian Boltanski. Acesso em https://www.dailymotion.com/video/xbus1k

Nesta instalação, o som do coração de cada visitante (com prévio consentimento) foi gravado numa salinha do próprio Grand Palais. Recebíamos um CD com o ritmo de nosso coração; mas o sentido destas gravações era o desejo de Christian Boltanski de estabelecer uma instalação permanente, onde se manteria um arquivo de corações

[1] Agamben, *Estado de exceção*, p. 13.

gravados no início do séc. XXI. O local escolhido foi a ilha *Teshima,* uma das ilhas do Japão. onde costuma ocorrer um festival de arte *Setouchi International Art Festival*.

Assim como as impressões digitais, o som dos batimentos cardíacos são únicos para cada pessoa.

Acontece então, durante o verão deste mesmo ano, sua exposição seguinte, quando Christian Boltanski propõe a instalação "*Les Arquives du Coeur*", em Londres, na Serpentine Gallery. A exposição inclui uma sala de gravação (*Recording room*) onde os visitantes podem gravar seus batimentos, seu ritmo cardíaco, assim como escolher, em outro espaço dedicado à escuta (*Listenning room*) ouvir os corações de outras pessoas por gravações tomadas durante a exposição *PERSONNES*. Tal como encontramos neste link, disponível em: https://makingarthappen.com/2011/11/14/christian-boltanski-les-archives-du-coeur/

A grande cena tomada por duas toneladas e meia de roupas recolhidas pela equipe de pesquisa de Christian Boltanski, durante várias situações de pós-guerra e de refugiados. O espaço do Grand Palais está organizado em paredão com as câmaras de mortos numeradas seguido por um amplo espaço de chão onde roupas são arrumadas em ordem de tamanho e separadas as de mulheres e crianças e homens. Há também os sapatos e sapatinhos. Adiante uma mão guindaste enorme vermelha se ergue sonora em ritmo de autômato e sonoro, sempre com a mesma batida, agarra e lança uma pinçada de roupas que flutuam caindo em diversos modos conforme seu tecido e sua modelagem. Um espetáculo paradoxalmente belo e tenebroso. Sublime.

Não distraidamente, essa montanha de mais de 2 toneladas de roupas que restaram, vestígios de vidas ceifadas, encontra-se abaixo de uma abóboda de vidro muito bem limpo e transparaente, através da qual podemos contemplar não apenas o céu de Paris, mas a bandeira da França que brilha em seu Bleu Blanc Rouge as preciosas liberdades Republicanas. Um pedaço de pano como símbolo de honra e glória de uma nação, enquanto toneladas de roupas restam como trapos, testemunhando vidas ceifadas pela violência e brutalidade.

Que paradoxo.

"O visitante não estará perante uma obra, estará dentro dela" diz Christian Boltanski.

Tal como proferiu sobre sua instalação o artista, na apresentação de sua instalação PERSONNES, não há como assistir ou contemplar esta evidência sem nos tornarmos contemporâneos de sua questão, presente em nossas vidas cotidianas, no cenário em que se tornaram arquitetura do medo as nossas cidades.

Christian Boltanski. Vista da exposição Monumenta 2010 – "Personnes".
Fotografia: Didier Plowy □ Monumenta 2010

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção*. Tradução de Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Tradução de Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: ARGOS, 2009.

CHRISTIAN BOLTANSKI (Les Archives du Coeur). *Making Art Happen*, 14 nov. 2011. Disponível em: https://makingarthappen.com/2011/11/14/christian-boltanski-les-archives-du-coeur/. Acesso em: 12 dez. 2024.

ESPOSITO, Roberto. Personne, homme, chose: Pour une philosophie de l'impersonnel. *In*: *AGENDA de la pensée contemporaine*. Institut de la Pensée Contemporaine - Université Paris-Diderot. n. 11, Automne. Paris: Édition Flammarion, 2008. pp. 17-30.

GUERRA, Silvia. *Christian Boltanski Monumenta 10 Personnes*. ARTECAPITAL, magazine de arte. Disponível em: https://www.artecapital.net/exposicao-265-christian-boltanski-monumenta-10-personnes. Acesso em: 7 dez. 2024.

MEDEIROS PACHECO, Elizabeth. *Nul le Part Out*. *Collectif Jeune Cinema (CJC) Centre de Documentation/ Étoilement*. n. 11, Juin 2010. Disponível em: https://cjcinema.org/centre-de-documentation/etoilements/. Acesso em: 1 dez. 2024.

SOBRE A AUTORA

Elizabeth Medeiros Pacheco
Professora Adjunta do Departamento de Psicologia da UFFCG. Pesquisa corporeidades, imagem e gesto, desenvolvendo projetos de pesquisa e extensão: "Sem Álibi, Rumo ao Gesto" e "Cine Céu Aberto: Imagens que Pensam e Fazem Pensar", com foco em experimentações corporais e exibições de filmes organizados em ciclos temáticos. *E-mail*: elizabethmp@id.uff.br.